

Capivaras em Fuga: Mal de Cadeiras e Biopoder no Pará (1907-1943)

David Durval Jesus Vieira¹

RESUMO

Neste artigo pretendemos avaliar até que ponto a orientação profilática de Adolpho Lutz de extermínio das capivaras para combater o *mal de cadeiras*, doença provocada pelo *Trypanosoma evansi* que afetava principalmente os cavalos das zonas rurais no Pará, teve impacto na população de *Hydrochoerus hydrochaeris* deste estado, especialmente no Marajó, de 1907 a 1943. Além disso, averiguamos as tensões interespecies e as mobilizações humanas em torno da campanha de extermínio desse roedor. Entendemos a relação entre humanos e capivaras como um processo interativo em que ambos atuam como agentes ao estarem imersos em uma vasta rede de vínculos que os levam a atuar. Aqueles, porém, estavam dispostos a eliminar os perigos biológicos com o intuito de fortalecer a própria espécie, ao culpabilizar a capivara pela disseminação dessa doença. Ao analisarmos periódicos como jornais e revistas comerciais, concluímos que a recomendação de Lutz não foi a única justificativa utilizada para a caça predatório deste animal e a consequente diminuição de sua população.

Palavras-chave: capivaras; humanos; biopoder; vilão epidêmico; Pará.

¹Doutorando em História Social (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica no Instituto Federal do Pará. ORCID: 0000-0002-9364-1960. E-mail: vieira.ddj@gmail.com

Temos boas razões para considerar as capivaras que adoecem nestas condições como um perigo constante para os cavalos que vivem nos mesmos lugares e por isso a exterminação destes roedores, completamente inúteis, parece uma das primeiras medidas indicadas na campanha contra a peste de cadeiras.²

O trecho acima foi extraído do relatório do cientista Adolpho Lutz sobre o estudo da manifestação do *mal de cadeiras* no arquipélago do Marajó, Pará, no norte do Brasil. O estudo foi publicado no *Diário Oficial do Estado do Pará*, em 1907, e na *Revista da Sociedade Científica de S. Paulo*, em 1908.³ Nesse mesmo ano, o relatório de Lutz veio como documento anexo da *Mensagem* do governador do Pará, Augusto Montenegro, dirigida ao congresso legislativo paraense, em 7 de setembro de 1908.

Ao longo do século 19 e início do 20, o *quebra-bunda*, como a doença também era conhecida localmente⁴, estava entre as zoonoses que preocupavam o Estado e os fazendeiros interessados no desenvolvimento da criação de gado bovino no Pará, uma vez que essa enfermidade estava provocando a morte de muitos cavalos, essenciais para a atividade pecuarista.⁵ Acredita-se que o *Trypanosoma evansi*, agente etiológico dessa doença, tenha vindo da África e se espalhado globalmente por meio da movimentação de hospedeiros e da atuação de insetos picadores que transportam o parasita de um animal a outro, dentre outros fatores. As grandes navegações europeias do final do século 15 e início do 16 favoreceram a chegada deste parasita no continente americano, porque junto aos colonizadores vinham animais domesticados por estes, como bois e cavalos, hospedeiros do tripanosoma, registrando-se os primeiros casos da doença no Marajó, na primeira metade do século 19.⁶

² Adolpho Lutz, "Estudos e observações sobre o Quebrabunda ou Peste de Cadeiras," in *Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1908 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro*, ed. Governo do Estado do Pará (Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1908), 208.

³ Jaime Larry Benchimol and Magali Romero Sá, eds., *Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil*, vol. 2, bk. 3, of *Adolpho Lutz* (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006), 112.

⁴ À medida que se espalhava globalmente, o *mal de cadeiras* ganhou várias denominações que tinham influência dos dialetos e costumes locais. Mas, internacionalmente, a doença passou a ser conhecida como Surra, após ser relacionada à pesquisa de Griffith Evans, na década de 1880, sobre uma doença que afetava os cavalos e camelos em Punjab, na Índia, onde a enfermidade era conhecida por este nome. Ver: Cecil A. Hoare, *The Trypanosomes of mammals: a zoological monograph* (Oxford, UK: Blackwell, 1972).

⁵ David Durval Jesus Vieira, "Infelizes' cavalos: mal de cadeiras e relações biossociais no Pará (1870-1889)," *Revista Brasileira de História da Ciência* 16, no. 1 (2023): 73-95, <https://doi.org/10.53727/rbhc.v16i1.871>.

⁶ Hoare, *The Trypanosomes of mammals: a zoological monograph*.

Vigorava a mentalidade de que o *quebra-bunda* começou a se manifestar após uma grande matança de cavalos, tidos como competidores da gramínea utilizada para a alimentação de bois, bem como para aproveitar o seu couro para fins comerciais. A exposição dos numerosos cadáveres teria contaminado o ar, ocasionando o aparecimento do *mal de cadeiras*.⁷ Vários cavalos já haviam sofrido com as formas clássicas de manifestação da doença: febre, anemia, perda de apetite e peso, perda de condição e produtividade, sinais nervosos e/ou aborto, caquexia e morte.⁸ A epizootia estava ultrapassando fronteiras políticas, disseminando-se por outras partes do Brasil, exigindo-se do poder público um maior comprometimento no combate à peste, por meio da contratação de veterinários e de maiores investimentos na ciência.⁹

Urgia que essa resposta fosse dada no Marajó. Presente na região de campos desse arquipélago desde a colonização europeia, a criação de gado bovino vinha aumentando em importância econômica, ao longo do século 19, devido ao comércio envolvendo o abastecimento de carnes em Belém, capital do Pará, e à exportação de couros. O arquipélago concentrava grande parte dessa criação no estado, mas o seu fornecimento de gado para ser abatido e, em seguida, abastecer o mercado de carne interno, não estava acompanhando o crescimento populacional do estado. Eram recorrentes as reclamações na imprensa paraense que alertavam para uma crise alimentícia. Para que a atividade pecuarista se desenvolvesse, era necessário, dentre outras coisas, evitar que os cavalos adoecessem por *quebra-bunda* ou curá-los, ainda mais tendo em vista a fragilidade tecnológica e a dependência dos fazendeiros em relação ao trabalho desses animais.¹⁰

O contexto do início do século 20 se mostrava favorável para o Pará reverter essa situação. Economicamente, o estado gozava com o período de apogeu da exportação de borracha para os Estados Unidos e para a Europa. A Amazônia possuía o látex em quantidade e em qualidade para atender as demandas do mercado consumidor

⁷ Vieira, “‘Infelizes’ cavalos: mal de cadeiras e relações biossociais no Pará (1870-1889)”.

⁸ Marc Desquesnes et al., “Trypanosoma evansi and Surra: A Review and Perspectives on Origin, History, Distribution, Taxonomy, Morphology, Hosts, and Pathogenic Effects,” *BioMed Research International* 2013, no. 1 (2013), 9, <http://dx.doi.org/10.1155/2013/194176>.

⁹ Vieira, “‘Infelizes’ cavalos”; Benchimol and Sá, *Adolpho Lutz*.

¹⁰ Caio Prado Junior, *Formação do Brasil contemporâneo: colônia* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011); José Maia Bezerra Neto, *Escravidão negra no Pará: séculos XVII – XIX* (Belém: Paka-Tatu, 2012); Agenor Sarraf Pacheco and Haney Lemos Cutrim, “Marajoaras na Belle Époque: história, patrimônios e condições de vida,” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)* 1, no. 2 (July/December 2014): 169; Regina Horta Duarte, “Cavalinhos, leões e outros bichos: o circo e os animais,” *Varia História* 18, no. 26 (January 2002): 104.

externo, sedento por bicicletas e automóveis. Antes de ser atendido, esse mercado devia aguardar o escoamento da produção gomífera pelos portos de Manaus e Belém, o que resultava no crescimento da renda financeira dos estados do Amazonas e do Pará, por meio da arrecadação de impostos.¹¹ Politicamente, a República havia se consolidado depois da violenta repressão aos movimentos acusados de serem restauradores da ordem monárquica.¹² Cientificamente, o regime republicano fortaleceu a diversificação dos espaços institucionais de ciência, buscando resolver os problemas sanitários das grandes cidades, e combater as pragas agrícolas e doenças do gado por meio da aplicação do conhecimento científico.¹³

A medicina tropical havia se firmado como uma das correntes intelectuais que prometia solucionar esses problemas. No final do século 19, houve grandes avanços nas disciplinas de bacteriologia e parasitologia, assim como nos campos afins da microscopia e imunologia, além da combinação inovadora entre laboratório de pesquisa e experimentação com observações de campo, ocasionando a formulação da teoria dos germes das doenças, uma nova compreensão da filariose, malária, calazar e febre amarela. Em meados da década de 1880, os tropicalistas brasileiros já haviam alcançado a aceitação que almejavam, convertendo-se em fundadores de uma prestigiosa revista citada na imprensa médica internacional, a *Gazeta Médica da Bahia*, e promotores da inclinação para preocupações médicas que se voltavam para as particularidades nacionais.¹⁴

Um dos pontos altos dessa medicina foi a descoberta e fundamentação da “tripanossomíase americana” por Carlos Chagas. Era o momento de uma ciência experimental, em que a investigação de parasitas na fauna local, e o estabelecimento de possíveis relações entre aqueles e os seus vetores, faziam parte da preocupação dos pesquisadores brasileiros. Em 1907, Chagas viajou ao norte de Minas Gerais para

¹¹ Barbara Weinstein, *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920* (São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, 1993).

¹² Elio Chaves Flores, “A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso,” in *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*, ed. Jorge Ferreira and Lucilia de Almeida Neves Delgado (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018), 43-80.

¹³ Simon Schwartzman, *Um Espaço para a Ciência. A Formação da comunidade científica no Brasil* (Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. Centro de Estudos Estratégicos, 2001).

¹⁴ David Arnold, “Introduction: Tropical Medicine before Manson,” in *Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine, 1500-1900*, ed. David Arnold (Amsterdam - Atlanta, GA: Rodopi, 1996), 1-19; Julyan G. Peard, “Medicina tropical en el Brasil del siglo XIX: La Escuela Tropicalista Bahiana, 1860-1890,” in *Salud, cultura y sociedad en América Latina: nuevas perspectivas históricas*, ed. Marcos Cueto (Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1996), 31-52.

estudar quaisquer doenças transmitidas por insetos, ocasião que lhe possibilitou analisar um inseto conhecido como “barbeiro”, que picava as partes do corpo que não estavam protegidas, como o rosto, infestando os barracos dos camponeses e sugando o seu sangue. Nessa investigação, o cientista detectou uma espécie de tripanossomo, até então desconhecido, que foi denominado de *Trypanosoma cruzi*. Posteriormente, o cientista averiguou que se tratava de um micro-organismo patogênico para os seres humanos, responsável pela doença que também passou a ser chamada posteriormente como “Doença de Chagas”, publicando os resultados de seu estudo em âmbito nacional e internacionalmente.¹⁵

Adolpho Lutz era outro importante cientista da medicina tropical. Lutz já havia percorrido diversas regiões do Brasil, Europa, Estados Unidos e Oceania, onde deixou “marcas significativas de sua presença nos estudos sobre parasitoses de animais silvestres e domésticos”, dentre outras doenças. De 1893 a 1908, esteve na direção do Instituto Bacteriológico de São Paulo, “destacando-se como o quadro mais experiente e bem preparado” de um grupo de médicos que foram a “vanguarda” dos processos de instituição da medicina “pasteuriana”, referente à conversão das doenças microbianas em soros e vacinas e dos meios químicos de cura e/ou prevenção dessas enfermidades. Em 1908, o bacteriologista ingressou no Instituto Oswaldo Cruz, “a mais consistente instituição que aquele grupo logrou criar”.¹⁶ Essa importância aumentava na medida em que o Brasil carecia de médicos veterinários.¹⁷

No dia 22 de agosto de 1907, Adolpho Lutz viajou ao Marajó, com o intuito de pesquisar as doenças que afetavam o gado neste arquipélago, depois de ter sido contratado pelo governo paraense. Durante a sua estadia, fez pesquisas nas fazendas Tuyuyu, pertencente ao coronel Raymundo José de Miranda, e Diamantina. Além disso, verificou o modo como os insetos picavam os cavalos na ilha de São Thiago, e analisou um dos equinos sacrificados, encontrando elementos em seu organismo que reforçavam a sua hipótese sobre a etiologia do *mal de cadeiras*. Em 24 de setembro,

¹⁵ Marta de Almeida and Marcos Cueto, “Políticas sanitárias e pesquisa médica no mundo rural latino-americano,” in *Utopias latino-americanas: política, sociedade, cultura*, ed. Maria Lígia Prado (São Paulo: Contexto, 2021), 143-162.

¹⁶ Jaime Larry Benchimol, “Adolpho Lutz: um esboço biográfico”, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 10, no. 1 (January/April 2003): 14-15, <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100002>.

¹⁷ Cicero Neiva, “Adolfo Lutz e a medicina veterinária”, *Revista do Instituto Adolfo Lutz* 15, no. 1-2 (1955): 115, <https://doi.org/10.53393/rial.1955.15.33280>.

regressou a Belém, otimista com os resultados até então obtidos. Viajou para outros lugares do Pará até retornar ao Marajó, em 9 de novembro, visitando várias fazendas dos municípios de Chaves, Cachoeira e Soure, além de inspecionar propriedades em Arapiranga. Em 17 de dezembro de 1907, Lutz retornou a São Paulo. O seu estudo sobre o *quebra-bunda* começou a ser publicado nesse mesmo ano.¹⁸

Lutz estava convencido de que o agente etiológico do *mal de cadeiras* no Marajó era o mesmo que havia sido detectado por Miguel Elmassian no Paraguai, o *Trypanosoma equinum*. Os principais transmissores deste protozoário eram duas espécies de moscas, também conhecidas como mutucas: *Tabanus importunus* e *Tabanus trilineatus*, as quais eram muito abundantes nas fazendas. Além disso, verificou que as capivaras se infeccionavam espontaneamente, constituindo-se em um reservatório silvestre do parasita, ainda que vários mamíferos fossem suscetíveis à infecção experimental. Em virtude disso, e por não ter encontrado medicamentos eficazes, ressaltava que a única forma de combater a doença era por meio de medidas profiláticas. Neste sentido, recomendou que os cavalos devidamente diagnosticados com a doença fossem isolados ou sacrificados, que as mutucas fossem afugentadas por meio da aplicação de uma substância, e que as capivaras fossem exterminadas.¹⁹

Naquela época, as capivaras eram encontradas de forma abundante no arquipélago do Marajó. Porém, os grandes proprietários de terras se esforçavam para eliminá-las, acusando-as de estragar as pastagens, opinião que era reforçada pelo governo do estado, que as consideravam como fatores de devastação das fazendas, um inimigo a ser combatido. A orientação profilática de Lutz tinha o potencial de acelerar essa caça predatória.²⁰

Apesar disso, a capivara não desapareceu, nem está sob ameaça de extinção no Pará.²¹ Considerada a maior espécie viva de roedor, a capivara está presente em grande parte da América do Sul, principalmente nas regiões banhadas pelas bacias do Orinoco, Amazonas, São Francisco e do rio da Prata. Há duas espécies: a *Hydrochoerus*

¹⁸ Benchimol and Sá, *Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil*, 111-12.

¹⁹ *Ibid.*, 117-118.

²⁰ David Durval Jesus Vieira, “Matam-na, como podem’: política de extermínio das capivaras,” in *Animais na História*, ed. Wesley Oliveira Kettle (Maceió-AL: Kattelya, 2024), 111-27, <https://veh.webnode.page/repositorio-digital/>.

²¹ Museu Paraense Emílio Goeldi, *Relatório técnico da oficina de trabalho “Discussão e elaboração da lista de espécies ameaçadas de extinção do estado do Pará”*, ed. Alexandre Aleixo, June 2006, <http://biodiversidade.museu-goeldi.br/biota>.

hydrochaeris e *Hydrochoerus isthmius*, que se diferenciam em relação ao tamanho e à distribuição geográfica.²² A primeira está presente “a oeste dos Andes, em Panamá, Colômbia e Venezuela”, e a segunda, “a leste dos Andes, da Venezuela até a foz do rio da Prata, na Argentina”.²³ No Brasil, a presença de *H. hydrochaeris* chega a ser tão marcante em algumas áreas rurais e urbanas, que tem despertado a atenção de cientistas e do poder público.²⁴

Neste artigo, pretendemos avaliar até que ponto a orientação profilática de Adolpho Lutz de extermínio das capivaras para combater o *mal de cadeiras*, teve impacto na população de *Hydrochoerus hydrochaeris* no Pará, especialmente no Marajó, de 1907 a 1943, quando, neste último ano, foi publicado o terceiro Código de Caça do Brasil, durante o governo de Getúlio Vargas. Além disso, averiguamos as tensões interespecies e as mobilizações humanas em torno da campanha de extermínio desse roedor.

Entendemos a relação entre humanos e capivaras como um processo interativo em que ambos atuam como agentes ao estarem imersos em uma vasta rede de vínculos que os levam a atuar.²⁵ Aqueles, porém, estavam dispostos a exercer o “biopoder”, por meio de tecnologias que tinham como objeto e como objetivo a vida, mas procuraram eliminar os perigos biológicos com o intuito de fortalecer a própria espécie.²⁶ Em relação ao combate ao *quebra-bunda*, a capivara foi enquadrada como “vilã epidêmica”, em que a gestão estatal e capitalista se vale de um aparato de “abate, desinfecção, desinfestação, separação e erradicação” para “proteger a humanidade de doenças

²² Alvaro Mones and Juhani Ojasti, “*Hydrochoerus hydrochaeris*,” *Mammalian Species*, no. 264 (June 1986): 1, <https://doi.org/10.2307/3503784>.

²³ José Roberto Moreira et al., “Taxonomy, natural history and distribution of the capybara,” in *Capybara: biology, use and conservation of an exceptional neotropical species*, ed. José Roberto Moreira et al. (New York: Springer, 2013), 11.

²⁴ As capivaras são um dos principais hospedeiros do carrapato *Amblyomma cajennense*, transmissor da bactéria *Rickettsia rickettsii*, agente etiológico da febre maculosa, doença que tem se manifestado em zonas rurais do sudeste brasileiro. Em virtude disso, o Ministério da Saúde propôs medidas para conter a dispersão de capivaras nas pastagens e cuidar para mantê-las distantes de ambientes públicos e privados. Ver: Katia Maria P. M. de Barros Ferraz et al., “Capybara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) distribution in agroecosystems: a crossscale habitat analysis,” *Journal of Biogeography* 34, no. 2 (2007): 223-30, <https://doi.org/10.1111/j.1365-2699.2006.01568.x>; Carlos Alberto Perez et al., “Carrapatos do gênero *Amblyomma* (acarí: ixodidae) e suas relações com os hospedeiros em área endêmica para febre maculosa no Estado de São Paulo,” *Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária* 17, no. 4 (2008): 210-17, <https://doi.org/10.1590/S1984-29612008000400008>; Matias P. J. Szabó, Adriano Pinter and Marcelo B. Labruna, “Ecology, biology and distribution of spotted-fever tick vectors in Brazil,” *Frontiers in Cellular and Infection Microbiology* 3, (2013): 1-9, <https://doi.org/10.3389/fcimb.2013.00027>; Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde and Departamento de Imunizações e Doenças Transmissíveis, *Febre maculosa: aspectos epidemiológicos, clínicos e ambientais* (Brasília: Ministério da Saúde, 2022).

²⁵ Susan Nance (ed.), *The historical animal* (New York: Syracuse University Press, 2015); Germán Vergara, “Bestiario latinoamericano: los animales en la historiografía de América Latina,” *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 28, suppl. (December 2021): 188-91, <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021000500010>; Bruno Latour, *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* (Salvador: Edufba, 2012; Bauru: Edusc, 2012).

²⁶ Michel Foucault, *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1979)* (São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010).

zoonóticas ou transmitidas por vetores”.²⁷ Ainda que o *mal de cadeiras* estivesse provocando a morte de cavalos, estes eram “espécies companheiras”²⁸ dos humanos para a criação de gado bovino, logo, a orientação para extinguir as capivaras era vista como algo que contribuiria para criar condições propícias para o desenvolvimento da atividade pecuarista no Pará.

Mesmo com a pesquisa do renomado cientista, parecia que o combate ao *mal de cadeiras* ainda estava distante do seu fim, permanecendo naquilo que Rosenberg denominou como “forma dramática” da epidemia. Esta começa em um certo momento, prossegue no palco do tempo e do espaço, segue um enredo de “tensão crescente e reveladora”, avançando para uma “crise de carácter individual e coletivo”. Depois, caminha para o encerramento. Em outro aspecto, ela assume a qualidade de um espetáculo, mobilizando comunidades para encenar rituais que incorporam e reafirmam “valores sociais fundamentais e modos de compreensão”.²⁹ Nos periódicos analisados nesta pesquisa, sobressaem percepções humanas sobre as capivaras que estavam além de questões profiláticas, conforme notamos a seguir.

VILÃ DA PECUÁRIA E DA AGRICULTURA

A indicação do extermínio das capivaras como medida profilática para combater o *mal de cadeiras*, foi defendida por outros sujeitos que estudavam sobre o assunto. No *Jornal do Brasil*, de 13 de junho de 1911, informava-se que no dia anterior, na tribuna das conferências do Museu Comercial, no Rio de Janeiro, o “Sr. Dr. João Severiano de Miranda” havia proferido uma fala sobre a “peste das cadeiras” diante de “numeroso” público. Na conferência, Miranda teria apresentado o histórico da doença, os sinônimos da moléstia, as regiões onde grassava, os sintomas, as causas, a patogenia, a infecção experimental, o diagnóstico e prognóstico, o tratamento e a profilaxia.³⁰

²⁷ Christos Lynteris, “Introduction: Infectious Animals and Epidemic Blame”, in *Framing Animals as Epidemic Villains: Histories of Non-Human Disease Vectors*, ed. Christos Lynteris (Palgrave Macmillan, 2019), 2.

²⁸ As “espécies companheiras” correspondem a seres que em seus movimentos para alcançar uns aos outros, acabam se coconstituindo em uma relação complexa marcada por dependência e interdependência. Ver: Donna Haraway, *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa* (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021); Anna Tsing, “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras,” *Ilha Revista de Antropologia* 17, no. 1 (2015): 177-201, <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>.

²⁹ Charles E. Rosenberg, “What Is an Epidemic? AIDS in Historical Perspective,” *Daedalus* 118, no. 2 (1989): 2.

³⁰ “Museu Commercial,” *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), June 13, 1911, Hemeroteca Digital Brasileira.

A profilaxia consistia na “destruição das capivaras, sempre nocivas ao homem”, ou o sacrifício dos cavalos doentes, e “impedir” que as mutucas pousassem sobre os animais, “internando-os” em estábulos, “cercados de telas de arame” ou fazendo o ataque contra esses insetos. Miranda teria ilustrado a sua conferência com projeções “luminosas”, apresentando vários tipos de cavalos doentes, o tripanosoma da peste e as capivaras. Ao final, prestou uma homenagem ao “Sr. Dr. Carlos Chagas”, que havia descoberto uma nova tripanossomíase humana, dando a conhecer o tripanosoma desta moléstia.³¹ Da notícia do *Jornal do Brasil*, inferimos que havia outras queixas contra as capivaras, que estavam além do combate ao *mal de cadeiras*, ao considerá-las como “sempre nocivas ao homem”.

As reclamações contra as capivaras ficaram ainda mais claras em um contexto de queda significativa da participação do Pará no comércio internacional de borracha. Em 1913, “as plantações asiáticas já superavam folgadoamente a Amazônia e, em dois anos mais, as colônias britânicas, holandesas e francesas contribuíram com mais de dois terços da oferta mundial de borracha”. De 1912 a 1914, a receita paraense com a exportação caiu de “9.893 contos” para “4.430 contos”. No entanto, isso era apenas uma amostra da depressão econômica que ocorreria com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914.³²

Algumas ações governamentais estavam sendo pensadas em resposta ao declínio da comercialização de borracha. Na matéria *O Problema do Norte: a borracha e a industria agropecuaria*, publicada no jornal *Estado do Pará*, em 4 de abril de 1913, Tavares Vianna chamava a atenção para as notícias que estavam circulando nos jornais a respeito de uma “longa” conferência que havia ocorrido no palácio do Catete, com a presença do presidente da República, e dos ministros da Agricultura e da Fazenda, do superintendente da “Defesa da Borracha”, e do secretário de Estado de Obras Públicas, Terras e Viação, no Pará, em que se tomaram várias e “importantes resoluções concernentes ao problema da Defesa da Borracha”. Uma das medidas apontadas por

³¹ Ibid.

³² Weinstein, *A borracha na Amazônia*, 246-281.

Vianna era a de uma “alimentação mais sadia e mais barata” para o seringueiro, por meio da intensificação da criação de gado bovino na Amazônia.³³

Essa conferência fez parte da fase de elaboração do Plano de Defesa da Borracha, que assumiria na verdade o formato de um “plano geral de desenvolvimento da região”, que tinha “sete setores básicos”: heveicultura e extração da borracha, industrialização, imigração, saúde, transportes, produção agrícola alimentar e pesca. Contudo, em relação ao que estava previsto, somente houve o “levantamento das condições sanitárias da Amazônia” e recomendações para o seu saneamento, por meio do estudo de uma comissão liderada por Oswaldo Cruz, o que não correspondeu à “aplicação de um programa de saúde”.³⁴

Vianna estimava que a pecuária no Pará podia ser calculada naquela época em “710.000” cabeças de gado vacum, e “45.000” de equinos, sendo que o Marajó e outras zonas pastoris do estado possuíam “extensos campos, ricos de plantas forrageiras fartamente azotadas, capazes de criar milhões e milhões de rezes, para alimentarem as populações paraense, amazonense e acreana”. No entanto, os “rigores do inverno e do verão” estariam acarretando ao criador um prejuízo anual de “80% sobre a produção”, devido, entre outros fatores, às “epizootias e enzootias”, de que o carrapato era o “maior transmissor”, assim como a “capivara”, considerada veículo indiscutível do tripanosoma do *quebra-bunda*.³⁵ Nesta análise, percebe-se a influência do estudo de Adolpho Lutz, porém, este cientista não havia rotulado o referido roedor como “veículo” de transmissão, mas sim os tabanídeos conhecidos como mutucas.

Em *Póde-se esperar a erradicação do quebra-bunda e do mormo?*, artigo publicado na seção *A vida agricola e rural* do jornal *Estado do Pará*, em 6 de junho de 1915, José Ferreira Teixeira queria compartilhar o seu “modesto contingente de estudo” e de experiência aos “criadores paraenses”, principalmente em relação ao *mal de cadeiras*. Contudo, alertava que não era o seu intuito fazer um estudo sobre a doença porque Adolpho Lutz e outros cientistas já tinham ensinado sobre a causa, transmissão, sintomas e tratamento do *quebra-bunda*. Após citar literalmente trechos do relatório

³³ Tavares Vianna, “O Problema do Norte: a borracha e a industria agropecuária,” *Estado do Pará* (Belém), April 4, 1913, Hemeroteca Digital Brasileira.

³⁴ Roberto Santos, *História econômica da Amazônia – 1800-1920* (Manaus: Editora Valer, 2019), 278-286.

³⁵ Tavares Vianna, “O Problema do Norte”.

de Lutz sobre a epizootia, Teixeira concluía que a profilaxia devia ter a finalidade de “evitar” a introdução de animais infeccionados; matar os cavalos “com parasitas no sangue”; “exterminar as capivaras” e “estudar os meios” de proteção contra as “mordeduras” das mutucas.³⁶

Em relação ao extermínio de capivaras, Teixeira enumerava os seguintes benefícios em virtude desta prática: 1) como um dos mais eficazes meios profiláticos para extinguir o *quebra-bunda*; 2) “para poupar as forragens da campina”, para os animais de criação, uma vez que as capivaras comiam preferencialmente as gramíneas; 3) “para conservar os campos sem depressões”, regos, que as capivaras estariam fazendo para lavatório e como trânsito constante da mata para o campo e “vice-versa”; 4) “para manter em boas condições os bebedouros feitos nas represas de água do inverno, “nos rios e igarapés”; 5) “para defender as culturas existentes nas fazendas”.³⁷ Desses benefícios, somente o primeiro se referia ao estudo de Adolpho Lutz sobre o *mal de cadeiras*.

Mesmo que se acreditasse na descoberta da cura do cavalo acometido pelo *mal de cadeiras*, a recomendação para o extermínio da capivara persistia. Em 27 de junho de 1915, baseado nas notícias da imprensa carioca, Ferreira Teixeira, em *A erradicação do quebra-bunda (peste de cadeiras) pela cura*, dizia que o “dr. Astrogildo Machado”³⁸, depois de várias pesquisas no Instituto Oswaldo Cruz, onde trabalhava principalmente com “protozoologia”, havia conseguido obter um composto orgânico, para o qual foi atribuído o nome de *Protozan*, que prometia ser de “extrema” atividade contra os tripanosomas. Em suas experiências de laboratório, o cientista havia injetado esse medicamento no animal doente, obtendo em até quinze minutos, um sangue completamente estéril.³⁹

³⁶ Ferreira Teixeira, “Póde-se esperar a erradicação do quebra-bunda e do mormo?,” *Estado do Pará* (Belém), June 6, 1915, A vida agricola e rural, Hemeroteca Digital Brasileira.

³⁷ Ferreira Teixeira, “Póde-se esperar a erradicação do quebra-bunda e do mormo?”.

³⁸ Pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz que se dedicou desde cedo a trabalhos sobre a citologia e evolução dos protozoários, como os tripanosomas. Destacou-se em pesquisas sobre imunologia, em que participou da descoberta da reação “Machado-Guerreiro” para o diagnóstico da tripanossomíase americana, além de contribuir para o aperfeiçoamento na técnica do preparo de vacinas contra doenças que afetavam o gado bovino. Ver: Henrique Aragão, “Necrológio do Dr. Astrogildo Machado,” *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* 42, no. 2 (1945), <https://doi.org/10.1590/S0074-02761945000200001>.

³⁹ Ferreira Teixeira, “A erradicação do quebra-bunda (peste de cadeiras) pela cura,” *Estado do Pará* (Belém), June 27, 1915, A vida agricola e rural, Hemeroteca Digital Brasileira.

Para Teixeira, a descoberta de Astrogildo Machado vinha “completar os estudos do dr. Lutz e outros”, ressaltando que os fazendeiros deviam ser auxiliados pelos veterinários do governo para extinguir o *quebra-bunda*, não somente por meio da cura da cavalaria com o *Protozan*, mas também, e “sobretudo”, matando-se sistematicamente a capivara, dada como a “grande fonte de transmissão” da doença, além de ser taxada como um animal daninho que consumia “muita forragem dos campos, abrindo regos e depressões”, estragando os “bebedouros” e destruindo as “plantações das fazendas”. O extermínio deste roedor seria uma medida profilática de “alto valor”, porque era um meio de evitar a transmissão do *mal de cadeiras* aos cavalos, “livrando o criador do trabalho de examinar constantemente” a sua cavalaria, e de despesas de tratamento.⁴⁰

A defesa do extermínio das capivaras por José Ferreira Teixeira tinha um grande peso político e econômico. Nascido no município de Muaná, Marajó, em 1865, Teixeira se formou em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, em 1889, ingressando no Clube Republicano do Pará, no mesmo ano. Foi promotor público, deputado e chefe da segurança pública do estado. Participou da fundação e presidência do *Syndicato Industrial e Agrícola Paraense*, em 1905, além de ter sido presidente da *Associação dos Fazendeiros de Muaná e Cachoeira*, as quais organizavam a elite agrária em torno de ideais de modernização no campo que visavam empregar métodos de criação de animais e cultivo agrícola mais racionais, por meio da aproximação entre ciência e aplicação de modelos de produção considerados bem sucedidos, no Brasil e no exterior. O seu envolvimento nessas associações tinha um interesse coletivo e individual, uma vez que o próprio Teixeira era um grande proprietário de terras.⁴¹

Enquanto senador, Teixeira procurou trazer benefícios para a indústria agropecuária com a realização de congressos de fazendeiros, que resultou em conclusões que tinham a finalidade de estimular e orientar essa indústria. Além disso, ele esteve na direção da 4ª *Seção de Agricultura da Secretaria de Obras Públicas, Terras e Viação do Estado do Pará*, cuja criação e localização dentro da burocracia estatal, em

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Francisnaldo Sousa dos Santos, “‘Guiados pelo raciocínio e pela razão’: ciência e modernidade a serviço da agricultura paraense (1908-1929)” (tese de doutorado, Universidade Federal do Pará, 2002), <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/15595>; Aluisio Fernandes da Silva Júnior, “Reflexões sobre as primeiras organizações patronais rurais no estado do Pará,” *Revista IDEAS* 3, no. 1 (January/June 2009): 94-114.

1908, atendia a um antigo anseio da elite latifundiária, evidenciando a força econômica e política deste grupo social.⁴² Na chefia dessa seção, Teixeira concentrou as suas ações no “desenvolvimento de projetos agrícolas modelo”, como a Estação Experimental de Agricultura Prática, localizada em Igarapé-Açu, e o Campo de Cultura Experimental Paraense, instalado nos fundos do Instituto Lauro Sodré, em Belém.⁴³

Com a crise da participação paraense no comércio de borracha, aumentou o interesse do governo do estado pelo desenvolvimento da agricultura. O governador do Pará, Eneas Martins, fortaleceu um programa que tinha duas metas principais: aumentar a produção agrícola, tornando o estado autossuficiente em gêneros alimentícios, e estimular o cultivo de produtos que pudessem ser vendidos externa e internamente. Entre 1914 e 1916, “a quantidade de arroz e de farinha de mandioca transportada para Belém pela Estrada de Ferro de Bragança aumentou de 160% e de 90%, respectivamente”. Nesse mesmo período, “a quantidade de milho triplicou e o algodão passou de desprezíveis 800 quilos para quase 87 toneladas”.⁴⁴

Nesse quadro, a capivara também foi considerada vilã da agricultura. Na matéria *Destruindo, utilizaremos a capivara*, do jornal *Estado do Pará*, de 6 de junho de 1915, na mesma página em que havia um artigo de José Ferreira Teixeira defendendo o extermínio desse roedor, ressaltava-se que “os agricultores e os criadores” tinham a capivara como um “inimigo” das suas conveniências, já que ela estaria inutilizando os terrenos aluvionários e “avarzeados” ao abrir “buracos” e extensas valas, estragando “irremediavelmente” as roças onde penetrava, além de conduzir os tripanosomas fatais aos cavalos das “fazendas de criação”.⁴⁵

A cultura do algodão era vista como forma de evitar o ataque desses animais. Na publicação do jornal *Estado do Pará* intitulada *O algodão e a pecuária*, de 27 de janeiro de 1917, ressaltava-se que muitos cultivos, como o dos cereais, sofriam a “devastação” de pássaros, “porcos selvagens, capivaras e veados”, exigindo-se “fortes e dispendiosas” cercas, vigilância e inúmeros cuidados. A matéria exclamava que as “roças” cercadas com arames farpados de “5 a 10” centímetros de distanciamento de um para outro, não

⁴² Santos, “Guiados pelo raciocínio e pela razão”; Silva Júnior, “Reflexões sobre as primeiras organizações patronais rurais no estado do Pará”.

⁴³ Carlos Leandro Esteves, “A ‘Reconstrução radical da agricultura’: ocupação, propriedade e produtividade nas políticas públicas dos governos do Pará (1901-1912)”, *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*, July 2015, <http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares>.

⁴⁴ Weinstein, *A borracha na Amazônia*, 283.

⁴⁵ L. T., “Destruindo, utilizaremos a capivara,” *Estado do Pará* (Belém), June 6, 1915, *A vida agrícola e rural*, Hemeroteca Digital Brasileira.

conseguiram resistir às capivaras, as quais tiravam “proveito” dos cereais. “Nada disso”, porém, ocorria com o algodão, considerado de mais fácil colheita, não deixando nascer gramíneas ou “pragas” no campo, o que poupava o “serviço de limpeza”, que “tanto” encarecia as colheitas, além de ter um “consumo garantido” no Brasil. A matéria enfatizava também a importância de se valorizar e investir na criação de gado bovino para, juntamente com os “campos desbravados para as colheitas”, transformar a indústria da agropecuária em “riqueza” e motivo de “orgulho” e “grandeza” do Pará, sendo o produto do “esforço”, “perseverança”, “trabalho” e “inteligência” do paraense.⁴⁶

O extermínio das capivaras fazia parte desse esforço. Mas, a expansão das atividades agrícolas e de criação de gado bovino provavelmente proporcionavam um aumento da população desses roedores. Dotadas de uma morfologia adequada para utilizar os corpos hídricos como fonte de bebedouro, banho, refúgio e atividade sexual, e tendo uma alimentação básica composta por plantas aquáticas e gramíneas próximas à água, esses roedores vivem em uma grande variedade de terras baixas, como as margens de cursos de água, antigos leitos de rios, zonas úmidas e manguezais. Enquanto que o desmatamento reduz o habitat de muitos mamíferos nas florestas tropicais, o mesmo não ocorre com as capivaras. A substituição da cobertura vegetal por campos de criação de gado proporciona melhores habitats para esses roedores, devido ao pastoreio dos bois, que mantém a grama curta e saborosa, e ao manejo das pastagens das fazendas, que controla os predadores de gado e fornece água para estes animais durante a estação seca, situações que são bem aproveitadas pelas capivaras. Contudo, no final do verão, a competição entre capivaras e gado bovino por gramíneas tende a aumentar.⁴⁷

A capivara parecia ser um obstáculo para o desenvolvimento da indústria da agropecuária no Pará, ainda mais tendo em vista o enquadramento desse animal como reservatório e transmissor do *mal de cadeiras*, e o esforço do estado em se recuperar economicamente após a queda acentuada de sua participação no comércio da

⁴⁶ “O algodão e a pecuária,” *Estado do Pará* (Belém), January 27, 1917, Hemeroteca Digital Brasileira.

⁴⁷ Mones and Ojasti, “Hydrochoerus hydrochaeris”; Tomas de Azcarate, “Sociobiología y manejo del capibara (Hydrochoerus Hydrochaeris),” *Doñana Acta Vertebrata* 7, no. 6 (1980): 1-228; Juhani Ojasti, “Human Exploitation of Capybara,” in *Neotropical Wildlife Use and Conservation*, ed. John G. Robinson and Kent H. Redford (Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991), 236-254; A. Escobar and E. González Jimenez, “Estudio de la competencia alimenticia de los herbívoros mayores del llano inundable con especial al chigüire (Hydrochoerus hydrochaeris),” *Agronomía Tropical* 26, no. 3 (1976): 215-227.

borracha. O roedor era visto como animal totalmente “inútil” para os interessados nessa indústria, mas havia agentes humanos dispostos a utilizar a capivara em outros negócios.

PERSEGUIDAS “IMPLACAVELMENTE”

A mentalidade de que as capivaras eram animais inúteis para o aproveitamento humano não era um pensamento unânime. Ainda na mesma matéria *Destruindo, utilizaremos a capivara*, citada anteriormente, ressaltava-se que como compensação ao extermínio do roedor, dever-se-ia utilizar a sua carne para “alimentar criações de garças” para suprimento ao comércio de plumas⁴⁸ “desta preciosa ave”. Por fim, mencionava que uma notícia do *Almanack Agrícola Brasileiro* daquele ano, dizia que no Rio de Janeiro as drogarias pagavam “6\$000” pelo litro do óleo de capivara.⁴⁹ Pensava-se que esse óleo podia servir para combater a anemia e o enfraquecimento humano.⁵⁰ Contudo, o interesse que predominava sobre a utilidade econômica desse roedor era o do comércio de couro.

No gráfico adiante, figura 1, nota-se que Cachoeira, Soure, Chaves, Alenquer, Óbidos, Santarém e Faro foram os municípios paraenses que tiveram maior participação na entrada de couros de capivara no mercado de Belém, de 1919 a 1927. Esses locais estavam situados no Marajó e na região do Baixo Amazonas, os quais tinham forte presença da criação de gado bovino, o que sugere uma relação diretamente proporcional entre pecuária e população de capivaras.

Da análise do gráfico da figura 2, a seguir, inferimos que o crescimento rápido e intenso da quantidade de couros de capivara que ingressaram na praça da capital paraense, ocorreu quase duas décadas depois da publicação do relatório de Adolpho Lutz sobre a incidência do *mal de cadeiras* no Marajó. Possivelmente isso ocorreu

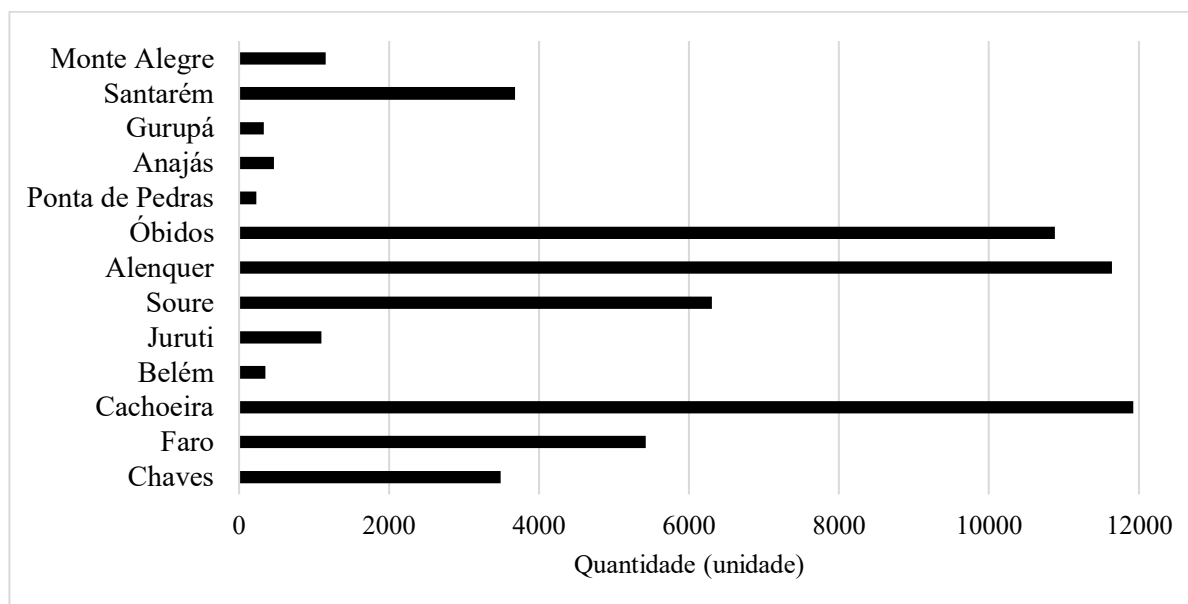
⁴⁸ No final do século 19 e no início do 20, intensificou-se a perseguição às aves, particularmente às garças e guarás, no caso amazônico, para atender a indústria da moda, o que resultou em críticas de renomados cientistas brasileiros a respeito dessa caça predatória. Ver: Regina Horta Duarte, “Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção, 1894-1938,” *Latin American Research Review*, v. 41, no. 1 (2006): 3-26, <https://doi.org/10.1353/lar.2006.0006>.

⁴⁹ L. T., “Destruindo, utilizaremos a capivara”.

⁵⁰ “A Flora Medicinal,” *Estado do Pará* (Belém), October 18, 1919, Hemeroteca Digital Brasileira.

porque “se tornaram recorrentes as exportações por cabotagem e longo curso de fardos”⁵¹.

Figura 1. Participação dos municípios paraenses na quantidade de couros de capivara que entraram no mercado de Belém (1919-1927).



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados das edições da *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*.⁵²

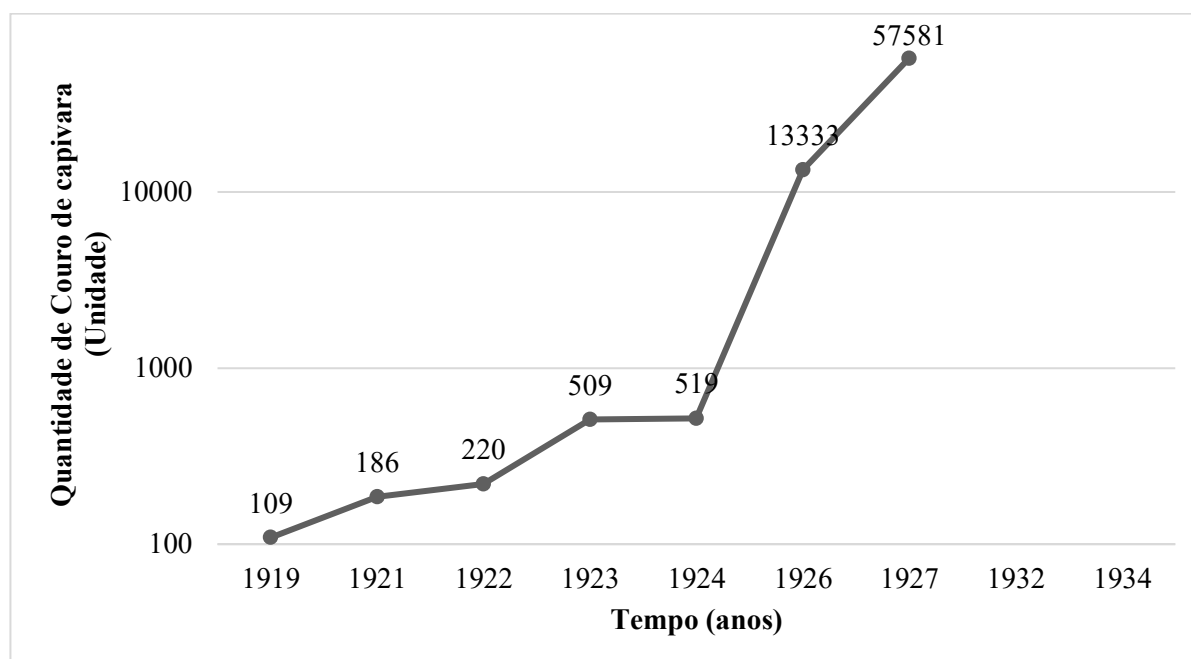
Na década de 1920, a exportação de peles de animais silvestres para a Europa e para os Estados Unidos se avolumou. Os principais portos para o escoamento dessa produção eram Manaus e Belém.⁵³ Em 1928, o Pará exportou 68.391 quilos de peles de capivara, e no primeiro semestre de 1929, 42.125 quilos.⁵⁴

⁵¹ André Pinassi Antunes, Glenn Harvey Shepard Junior and Eduardo Martins Venticinque, “O comércio internacional de peles silvestres na Amazônia brasileira no século XX,” *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 9, no. 2 (May/August 2014): 507, <https://doi.org/10.1590/1981-81222014000200013>.

⁵² Associação Commercial do Pará, “Estatísticas Diversas,” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, April 1920, 134-150; Associação Commercial do Pará, “Estatísticas Diversas,” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, October 1920, 357-366; Associação Commercial do Pará, “Estatísticas diversas,” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, July/September 1922, 893-910; Associação Commercial do Pará, “Generos entrados na praça de Belem, procedentes dos municipios do Estado, durante o anno de 1922,” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, June 1923, 985-991; Associação Commercial do Pará, “Entradas de gêneros dos municipios na praça de Belém,” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, January/February 1924, 19-26; Associação Commercial do Pará, “Estatísticas,” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, January/February 1925, 22-36; Associação Commercial do Pará, “Entradas de generos de produção dos municipios do Estado na praça de Belem, no 1º semestre de 1925,” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, July/August 1925, 132-138; Associação Commercial do Pará, “Entradas de generos, procedentes dos municipios do Estado, na praça de Belem, Pará, durante o anno de 1926,” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, January/February 1927, 22-29.

⁵³ Antunes, Shepard Junior and Venticinque, “O comércio internacional de peles silvestres na Amazônia brasileira no século XX”.

⁵⁴ Governo do Estado do Pará, *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Pará, em sessão solenne de abertura da 3ª Reunião de sua 13ª Legislatura, a 7 de setembro de 1929, pelo governador do Estado, Dr. Eurico de Freitas Valle* (Belém: Oficinas graphicas do Instituto Lauro Sodré – Escola Profissional do Estado, 1929).

Figura 2. Quantidade de couro de capivaras que entrou no mercado de Belém (1919-1927).

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados das edições da *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*.⁵⁵

Os curtumes foram muito significativos para a exportação do Pará. Neste estado, havia a fábrica *Curtume Maguary*, de propriedade de “Arthur David e W. T. Saunders” que produzia cerca de 250 couros por dia e exportava em média 5 mil por mês, empregando aproximadamente 300 operários em atividades internas e 800 pessoas, externamente. O *Curtume Americano*, do “Sr. Jorge Homci”, que ocupava mais de 100 operários, com uma produção diária, em média, de 150 couros. Existia também o *Gurjão*, que tinha um perfil de funcionamento parecido com os demais.⁵⁶ Com a crise econômica advinda da queda da comercialização de borracha, o Pará reduziu as importações, o que contribuiu para o fortalecimento do setor industrial local.⁵⁷

Ao falar sobre essas indústrias, a edição de novembro de 1919 da *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará* destacava o funcionamento do *Curtume Maguary*, por meio da reprodução do testemunho de Daniel Wyler, considerado “competente” no assunto, o qual expressava muitos elogios a esta fábrica, mencionando

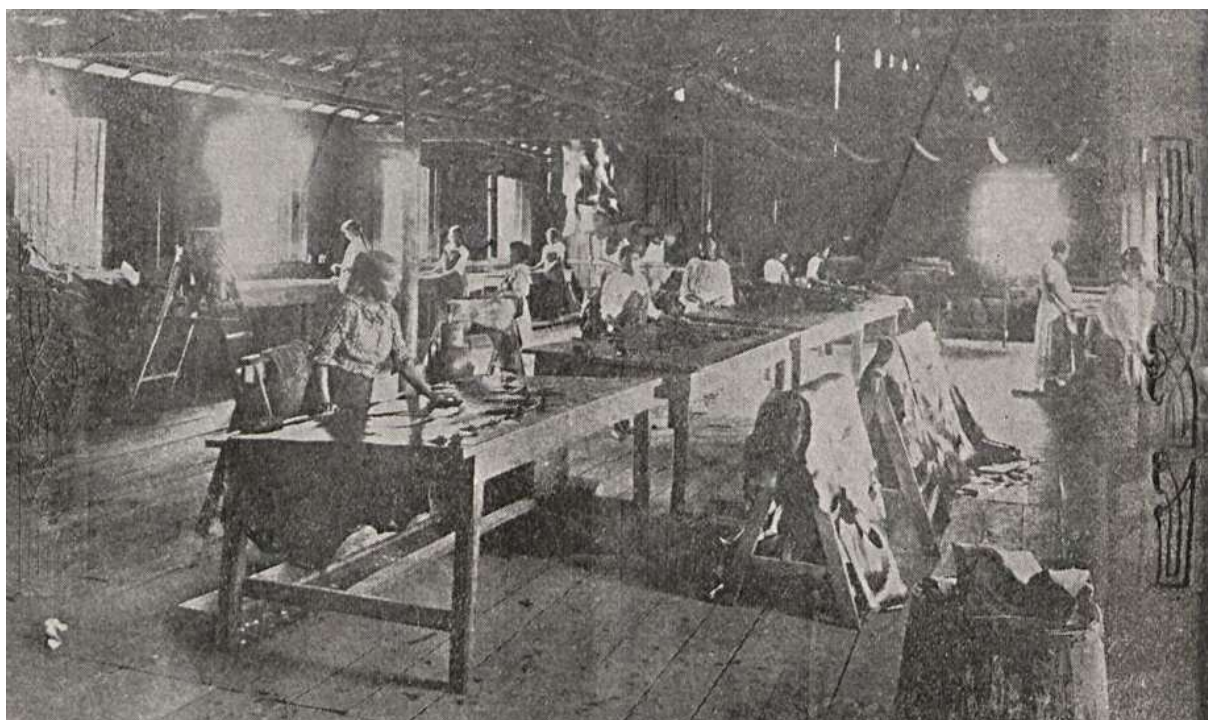
⁵⁵ Mesmos documentos utilizados para a elaboração do gráfico da figura 1.

⁵⁶ Leila Mourão, *Memória da Indústria Paraense* (Belém: Fiepa, 1989), 55-56.

⁵⁷ Weinstein, *A borracha na Amazônia*.

que ela curtia couros de boi, veado, cabra, carneiro e capivara, encontrando grande aceitabilidade de seus produtos no sul do Brasil. O periódico também expôs fotografias das instalações desta indústria, como a figura 3, a seguir, em que aparece algumas operárias trabalhando no processo de curtição.⁵⁸ Solas, vaquetas e pelicas eram algumas das produções do *Curtume Maguary*.⁵⁹

Figura 3. Vista de uma seção do Curtume Maguary.



Fonte: Associação Commercial do Pará, “As nossas industrias”, *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, ano 9, n. 9 (nov. 1919), 26.

Segundo a *Diretoria Geral da Agricultura, Industria e Comércio do Pará*, a quantidade de couros de capivaras que entraram no mercado de Belém nos anos de 1932 e 1934 foram de 23.375 e 12.487, respectivamente.⁶⁰ Comparando-se esses dados ao do ano de 1927, notamos uma tendência de queda na entrada desse produto, o que possivelmente estava relacionado à diminuição da população de capivaras. Ainda assim,

⁵⁸ Associação Commercial do Pará, “As nossas industrias,” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, November 1919, 21-35.

⁵⁹ “Curtume ‘Maguary’,” *Estado do Pará* (Belém), December 7, 1917, Hemeroteca Digital Brasileira.

⁶⁰ Diretoria Geral da Agricultura, Industria e Comércio do Pará, “Produção do Estado do Pará, em 1932-33,” *Boletim de Informações*, no. 9 (July 1934): 12-13.

a capivara seguia sendo um dos animais perseguidos “implacavelmente pelos caçadores”, acusada de “transmitir peste ao gado”⁶¹.

Essa perseguição estava provocando um impacto relevante na presença desses roedores no Marajó. Em 1930, padre Dubois dizia que a capivara já não era uma “praga” para se preocupar na região do lago Arari, neste arquipélago. A capivara era tida como receptora do micróbio que “inoculava o quebra-bunda no gado”. Os “caboclos” teriam dado “cabo” dela, “logo que puderam vender a carne aos barqueiros de Abaeté e o couro ao curtume de Saunders”.⁶² Em 1937, Dalcídio Jurandir concluía o romance *Marinatambalo*, publicado com o título de *Marajó*, no qual, em uma passagem da obra, o personagem principal, Missunga, largou a espingarda nas mãos de um vaqueiro, que interrogou: “Puxa. Nem capivara há mais nestes campos vasqueiros? [...] Mas o Arari não é o rio de pirarucu, do peixe-boi, do tambaqui e das capivaras?”. Jurandir segue a narração, contando que “Missunga ouvia sempre as mesmas histórias. Marajó devastado, as lagunas secas, os campos vazios de caça, adeus fartura”.⁶³

Para Silva, a recomendação de Adolpho Lutz teve implicação no extermínio das capivaras, a mando de fazendeiros e políticos, sendo que o roedor já estava morrendo devido à própria manifestação da doença do *quebra-bunda*.⁶⁴ Mas, a orientação profilática de Lutz não foi a única justificativa utilizada para eliminar essa espécie. A interpretação de que esses roedores eram os transmissores da peste ao gado cavalar, o discurso de que as capivaras estragavam as pastagens e as colheitas, e a intensificação do comércio de peles animais silvestres também influenciaram a caça predatório desse roedor, em correlação com o argumento de contribuir para o combate ao *mal de cadeiras*.

Poder-se-ia pensar que o pacote legislativo da década de 1930 pôs freio à perseguição às capivaras. A ascensão de Getúlio Vargas ao governo do Brasil foi vista como um momento importante para o atendimento de demandas científicas que vinculavam a proteção da natureza à valorização da estética e identidade nacional,

⁶¹ Miranda Bastos, “Marajó,” *O Cruzeiro*, May 12, 1934, 27.

⁶² Padre Dubois, “No Arary,” *Folha do Norte* (Belém), January 26, 1930, Hemeroteca Digital Brasileira.

⁶³ “Biografia,” O autor, Casa de Cultura Dalcídio Jurandir, accessed April 9, 2025, <https://www.dalcidiojurandir.com.br/biografia-dalcidio-jurandir-escriptor-br.html>; Dalcídio Jurandir, *Marajó* (Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2008), 279-280.

⁶⁴ Matheus Henrique Pereira da Silva, “Paisagens, Histórias e Ecologias mais que Humanas do Gado ao Longo dos Campos na Amazônia Marajoara,” *Ilha Revista de Antropologia* 5, no. 3 (2023): 23-42, <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2023.e94144>.

resultando na promulgação do Código de Caça e Pesca, do Código Florestal, do Código das Águas, e do Decreto 24.645, em 1934.⁶⁵ No entanto, o primeiro código, permitia “durante o ano todo, a caça de animais daninhos e nocivos à agricultura, ao homem, à criação doméstica e à pesca”, e o referido decreto excetuava estes animais das medidas protetivas.⁶⁶

Ainda que o Código de Caça seguinte, aprovado por meio do Decreto-lei nº 1.210, de 12 de abril de 1939, incluísse a proteção de “espécies raras”, a liberação para a caça de animais “nocivos à agricultura” continuava. Mentalidade que foi formalmente mantida e ampliada em 1943, mediante o Decreto-lei nº 5.894, o qual destacava que os “animais silvestres considerados nocivos” podiam ser abatidos “em qualquer tempo”, de acordo com as orientações da “Divisão de Caça e Pesca”, e que “os agricultores e criadores ou seus prepostos” podiam “abater, em qualquer época do ano, animais nocivos”, desde que houvesse “dano real à respectiva propriedade” e que pudesse “ser comprovada pela fiscalização”. Além disso, estes sujeitos podiam “vender os couros e peles de animais nocivos abatidos nas suas propriedades em casos especiais”.⁶⁷ O que vigorou, no caso das capivaras, foi a premissa “destruindo, utilizaremos”, em que o objetivo final do Estado e de fazendeiros era a eliminação desse roedor, mas enquanto ele existisse, far-se-ia o uso dele para fins econômicos.

No âmbito científico, a justificativa para o extermínio estava mudando. Em 1913, Arthur Neiva relatava que tinha sido destacado pelo Instituto Oswaldo Cruz para trabalhar em comissão da Inspetoria de Obras contra as Secas. Na ocasião, teve a oportunidade de identificar o *mal de cadeiras* por toda a zona percorrida pela equipe a cavalo, de Juazeiro a Anhanguera, passando pelos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás. Neiva assegurava que nas zonas onde não havia capivaras, essa doença estava presente e se fixava “enzooticamente”, ocasionando prejuízos consideráveis entre os

⁶⁵ José Luiz de Andrade Franco and José Augusto Drummond, *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940* (Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009).

⁶⁶ “Decreto nº 23.672, de 2 de janeiro de 1934,” Legislação, Câmara dos Deputados, accessed April 9, 2025, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-23672-2-janeiro-1934-498613-publicacaooriginal-78918-pe.html>; “Decreto nº 24.645, de 10 de julho de 1934,” Legislação, Câmara dos Deputados, accessed April 9, 2025, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24645-10-julho-1934-516837-publicacaooriginal-1-pe.html>.

⁶⁷ “Decreto-lei nº 1.210, de 12 de abril de 1939,” Legislação, Senado Federal, accessed April 9, 2025, <https://legis.senado.leg.br/norma/525040/publicacao/15611617>; “Decreto-lei nº 5.894, de 20 de outubro de 1943,” Legislação, Câmara dos Deputados, accessed April 9, 2025, <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5894-20-outubro-1943-415862-publicacaooriginal-1-pe.html>.

cavalos, burros e jumentos.⁶⁸ Em artigo publicado em 1923, Cesar Pinto, pesquisador do mesmo Instituto, ao fazer uma revisão bibliográfica sobre a transmissão dos protozoários, ressaltava que as capivaras foram “erroneamente” consideradas como depositários do vírus para o *T. equinum*, apesar do “grande roedor” perecer com a infecção do *mal de cadeiras*.⁶⁹

A capivara parecia ter finalmente se livrado da “culpa epidêmica” pela disseminação do *mal de cadeiras*, ao menos cientificamente. Em 1941, Geth Jansen, também vinculado ao Instituto Oswaldo Cruz, verificou que o *mal de cadeiras* continuava existindo no Marajó, e que o extermínio das capivaras, “em consequência do seu aproveitamento econômico”, não havia modificado o “caráter endêmico da doença” neste arquipélago.⁷⁰ Contudo, os interessados na eliminação desse roedor ainda encontravam respaldo legal.

Outras absolvições seriam necessárias para evitar o risco da extinção da capivara. Mas, o comportamento do próprio roedor contribuiu em alguma medida para a manutenção da espécie. Em 14 de março de 1917, o jornal *Estado do Pará* relatava que no município de Maracanã, Antonio João Ferreira Dias e Manoel Domingos Rodrigues resolveram fazer uma caçada de capivaras, às 7 horas da noite, em um lugar chamado “Cajueiro”, na beira do rio “Choacaré”. No entanto, o primeiro recebeu uma bala no peito direito, de Simplicio Monteiro, que também estava seguindo os rastros desse roedor e que pensou tê-lo visto fugir de um capim à margem do rio.⁷¹ “As capivaras fogem do laço como veados perseguidos”⁷², dizia Bastos. Quando submetidos à forte pressão de ações humanas, esses roedores tendem a alterar o seu comportamento, aumentando o seu nível de alerta e a distância de fuga, por exemplo.⁷³ As capivaras passam a maior parte do tempo descansando, mas “fogem buscando refúgio na água ou em áreas com muita cobertura”, ao serem perturbadas.⁷⁴ Diante da perseguição, a fuga era necessária.

⁶⁸ Arthur Neiva, “Multiplicação na vinhuca (*Triatoma infestans* Klug) do trypanosomo do mal de cadeiras,” *Brazil-Medico*, no. 35 (September 13, 1913): 366-367.

⁶⁹ Cesar Pinto, “Transmissão dos Protozoários,” *Scientia Medica*, no. 1 (July 31, 1923): 23.

⁷⁰ Geth Jansen, “Contribuição ao estudo do mal de cadeiras na ilha de Marajó,” *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz* 36, no. 3 (1941): 361.

⁷¹ “Em Maracanã,” *Estado do Pará* (Belém), March 14, 1917, Hemeroteca Digital Brasileira.

⁷² Miranda Bastos, “Marajó”.

⁷³ José Roberto Moreira and Ubiratan Piovezan, *Conceitos de manejo de fauna, manejo de população problema e o exemplo da capivara* (Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2005).

⁷⁴ Azcarate, “Sociobiologia y manejo del capibara”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apontou que a justificativa do extermínio da capivara com base no relatório de Adolpho Lutz sobre a propagação da doença do *mal de cadeiras* no Marajó, no início do século 20, esteve presente nas matérias de jornais que versavam sobre a indústria pastoril no Pará, ao longo da década de 1910. Porém, a ideia de que esse roedor era um reservatório silvestre da doença não foi o único conteúdo da campanha de extermínio. Notamos que havia uma deturpação da teoria de Lutz, ao considerar a capivara como elemento transmissor do *quebra-bunda*, além de argumentos de que elas traziam grandes prejuízos às pastagens e às colheitas agrícolas, ainda mais durante a crise da participação paraense no comércio de borracha. Isso tudo somado à intensificação do comércio de peles de animais silvestres ocasionou a diminuição da população desses roedores no estado, principalmente no Marajó.

REFERENCIAS

“O algodão e a pecuária.” *Estado do Pará* (Belém), January 27, 1917. Hemeroteca Digital Brasileira.

Almeida, Marta de, and Marcos Cueto. “Políticas sanitárias e pesquisa médica no mundo rural latino-americano.” In *Utopias latino-americanas: política, sociedade, cultura*, edited by Maria Ligia Prado, 143-162. São Paulo: Contexto, 2021.

Antunes, André Pinassi, Glenn Harvey Shepard Junior and Eduardo Martins Venticinque. “O comércio internacional de peles silvestres na Amazônia brasileira no século XX.” *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 9, no. 2 (May/August 2014): 487-518, <https://doi.org/10.1590/1981-81222014000200013>.

Aragão, Henrique. “Necrológio do Dr. Astrogildo Machado.” *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* 42, no. 2 (1945). <https://doi.org/10.1590/S0074-02761945000200001>.

Arnold, David. “Introduction: Tropical Medicine before Manson.” In *Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine. 1500-1900*, edited by David Arnold, 1-19. Amsterdam - Atlanta, GA: Rodopi, 1996.

Associação Commercial do Pará. “Entradas de gêneros dos municípios na praça de Belém.” *Revista Commercial, Industrial e Agrícola do Pará*, January/February 1924.

_____. “Entradas de generos de produção dos municipios do Estado na praça de Belem, no 1º semestre de 1925.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, July/August 1925.

_____. “Entradas de generos, procedentes dos municipios do Estado, na praça de Belem, Pará, durante o anno de 1926.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, ano 17, n. 1-2 (jan.-fev. 1927): 22-29.

_____. “Entradas de generos dos municipios do interior do Estado na praça de Belem em 1927.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, September/October 1928.

_____. “Estatisticas Diversas.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, April 1920.

_____. “Estatisticas Diversas.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, October 1920.

_____. “Estatisticas diversas.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, July/September 1922.

_____. “Estatisticas.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, January/February 1925.

_____. “Generos entrados na praça de Belem, procedentes dos municipios do Estado, durante o anno de 1922.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, June 1923.

_____. “As nossas industrias.” *Revista Commercial, Industrial e Agricola do Pará*, November 1919.

Azcarate, Tomas de. “Sociobiologia y manejo del capibara (*Hydrochoerus Hydrochaeris*).” *Doñana Acta Vertebrata* 7, no. 6 (1980): 1-228.

Bastos, Miranda. “Marajó.” *O Cruzeiro*, May 12, 1934.

Benchimol, Jaime Larry. “Adolpho Lutz: um esboço biográfico.” *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 10, no. 1 (January/April 2003): 13-83. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100002>.

Benchimol, Jaime Larry and Magali Romero Sá, eds. *Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil*. Vol. 2, bk. 3, of *Adolpho Lutz* (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006).

Bezerra Neto, José Maia. *Escravidão negra no Pará: (séculos XVII – XIX)*. Belém: Paka-Tatu, 2012.

Câmara dos Deputados. “Decreto nº 23.672, de 2 de janeiro de 1934.” *Legislação*. Accessed April 9, 2025. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-23672-2-janeiro-1934-498613-publicacaooriginal-78918-pe.html>.

_____. “Decreto nº 24.645, de 10 de julho de 1934”. Legislação. Accessed April 9, 2025. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24645-10-julho-1934-516837-publicacaooriginal-1-pe.html>.

_____. “Decreto-lei nº 5.894, de 20 de outubro de 1943”. Legislação. Accessed April 9, 2025. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5894-20-outubro-1943-415862-publicacaooriginal-1-pe.html>.

Casa de Cultura Dalcídio Jurandir. “Biografia”. O autor. Accessed April 9, 2025. <https://www.dalcidiojurandir.com.br/biografia-dalcidio-jurandir-escritor-br.html>.

“Curtume ‘Maguary’.” *Estado do Pará* (Belém), December 7, 1917. Hemeroteca Digital Brasileira.

Desquesnes, Marc, Philippe Holzmüller, De-Hua Lai, Alan Dargantes, and Zhao-Rong Lun; Sathaporn Jittaplapong. “Trypanosoma evansi and Surra: A Review and Perspectives on Origin, History, Distribution, Taxonomy, Morphology, Hosts, and Pathogenic Effects.” *BioMed Research International* 2013, no. 1 (2013): 1-22. <http://dx.doi.org/10.1155/2013/194176>.

Diretoria Geral da Agricultura, Indústria e Comércio do Pará. “Produção do Estado do Pará, em 1932-33.” *Boletim de Informações*, no. 9 (July 1934): 12-13.

Duarte, Regina Horta. “Cavalinhos, leões e outros bichos: o circo e os animais”. *Varia História* 18, no. 26 (January 2002): 97-106.

_____. “Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção, 1894-1938”. *Latin American Research Review* 41, no. 1 (2006): 3-26. <https://doi.org/10.1353/lar.2006.0006>.

Dubois, Padre. “No Arary.” *Folha do Norte* (Belém), January 26, 1930. Hemeroteca Digital Brasileira.

Escobar, A., and E. González Jiménez. “Estudio de la competencia alimenticia de los herbívoros mayores del llano inundable con especial al chigüire (*Hydrochoerus hydrochaeris*).” *Agronomía Tropical* 26, no. 3 (1976): 215-227.

Esteves, Carlos Leandro. “A ‘Reconstrução radical da agricultura’: ocupação, propriedade e produtividade nas políticas públicas dos governos do Pará (1901-1912).” *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*, July 2015. <http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares>.

Ferraz, Katia Maria P. M. de Barros, Silvio F. de Barros Ferraz, José Roberto Moreira, Hilton Thadeu Z. Couto and Luciano M. Verdade. “Capybara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) distribution in agroecosystems: a crossscale habitat analysis.” *Journal of Biogeography* 34, no. 2 (2007): 223-30. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2699.2006.01568.x>.

“A Flora Medicinal”. *Estado do Pará* (Belém), October 18, 1919. Hemeroteca Digital Brasileira.

Flores, Elio Chaves. “A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso.” In *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*, edited by Jorge Ferreira and Lucilia de Almeida Neves Delgado, 43-80. Vol. 1 of *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Foucault, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1979)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Franco, José Luiz de Andrade, and José Augusto Drummond. *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

Governo do Estado do Pará. *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Pará, em sessão solenne de abertura da 3ª Reunião de sua 13ª Legislatura, a 7 de setembro de 1929, pelo governador do Estado, Dr. Eurico de Freitas Valle*. Belém: Oficinas graphicas do Instituto Lauro Sodré (Escola Profissional do Estado), 1929.

Haraway, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

Hoare, Cecil A. *The Trypanosomes of mammals: a zoological monograph*. Oxford, UK: Blackwell, 1972.

Jansen, Geth. “Contribuição ao estudo do mal de cadeiras na ilha de Marajó.” *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz* 36, no. 3 (1941): 347-362.

Jurandir, Dalcídio. *Marajó*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2008.

L. T. “Destruindo, utilizaremos a capivara.” *Estado do Pará* (Belém), June 6, 1915. A vida agrícola e rural. Hemeroteca Digital Brasileira.

Latour, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru: Edusc, 2012.

Lutz, Adolpho. “Estudos e observações sobre o Quebrabunda ou Peste de Cadeiras.” In *Mensagem dirigida em 7 de setembro de 1908 ao Congresso Legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro*, edited by Governo do Estado do Pará, 200-216. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1908.

Lynteris, Christos. “Introduction: Infectious Animals and Epidemic Blame”. In: Christos Lynteris (ed.). *Framing Animals as Epidemic Villains: Histories of Non-Human Disease Vectors*. [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2019, p. 1-26.

“Em Maracanã.” *Estado do Pará* (Belém), March 14, 1917. Hemeroteca Digital Brasileira.

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde and Departamento de Imunizações e Doenças Transmissíveis. *Febre maculosa: aspectos epidemiológicos, clínicos e ambientais* (Brasília: Ministério da Saúde, 2022).

Mones, Alvaro, and Juhani Ojasti. "Hydrochoerus hydrochaeris". *Mammalian Species*, no. 264 (June 16, 1986): 1-7.

Moreira, José Roberto, and Ubiratan Piovezan. *Conceitos de manejo de fauna, manejo de população problema e o exemplo da capivara*. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2005.

Moreira, José Roberto, Martin R. Alvarez, Teresa Tarifa, Víctor Pacheco, Andrew Taber, Diego G. Tirira, Emilio A. Herrera, Katia Maria P.M.B. Ferraz, J. Aldana-Domínguez and David W. Macdonald. "Taxonomy, natural history and distribution of the capybara." In *Capybara: biology, use and conservation of an exceptional neotropical species*, edited by José Roberto Moreira, Katia Maria P.M.B. Ferraz, Emilio A. Herrera and David W. Macdonald, 3-37. New York: Springer, 2013.

"Museu Commercial". *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), June 13, 1911. Hemeroteca Digital Brasileira.

Museu Paraense Emílio Goeldi. *Relatório técnico da oficina de trabalho "Discussão e elaboração da lista de espécies ameaçadas de extinção do estado do Pará"*, edited by Alexandre Aleixo, June 2006. <http://biodiversidade.museu-goeldi.br/biota>.

Nance, Susan, ed. *The historical animal*. New York: Syracuse University Press, 2015.

Neiva, Arthur. "Multiplicação na vinhuca (*Triatoma infestans* Klug) do trypanosomo do mal de cadeiras." *Brazil-Medico*, no. 35 (September 13, 1913): 366-367.

Neiva, Cicero. "Adolfo Lutz e a medicina veterinária". *Revista do Instituto Adolfo Lutz* 15, n. 1-2 (1955): 114-120.

Ojasti, Juhani. "Human Exploitation of Capybara". In *Neotropical Wildlife Use and Conservation*, edited by John G. Robinson and Kent H. Redford, 236-254. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

Pacheco, Agenor Sarraf, and Haney Lemos Cutrim. "Marajoaras na Belle Époque: história, patrimônios e condições de vida". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* (IHGP), Belém 1, no. 2 (July/December 2014): 157-175.

Peard, Julyan G. "Medicina tropical en el Brasil del siglo XIX: La Escuela Tropicalista Bahiana, 1860-1890." In *Salud, cultura y sociedad en América Latina: nuevas perspectivas históricas*, edited by Marcos Cueto, 31-52. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1996.

Perez, Carlos Alberto, Álvaro Fernando de Almeida, Alexandre Almeida, Victor Hugo Barbosa de Carvalho, Daniele do Carmo Balestrin, Murilo Saraiva Guimarães; Julio C. Costa; Leonardo Adriano Ramos; Ana Dulce Arruda-Santos, Clarice Pinto Máximo-Espíndola and Darci Moraes Barros-Battesti. "Carrapatos do gênero amblyomma (acari:

ixodidae) e suas relações com os hospedeiros em área endêmica para febre maculosa no Estado de São Paulo.” *Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária* 17, no. 4 (2008): 210-17. <https://doi.org/10.1590/S1984-29612008000400008>.

Pinto, Cesar. “Transmissão dos Protozoários.” *Scientia Medica*, no. 1 (July 31, 1923): 17-36.

Prado Junior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Santos, Roberto. *História econômica da Amazônia – 1800-1920*. Manaus: Editora Valer, 2019.

Santos, Francisnaldo Sousa dos. “Guiados pelo raciocínio e pela razão”: ciência e modernidade a serviço da agricultura paraense (1908-1929).” Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará, 2022. <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/15595>.

Schwartzman, Simon. *Um Espaço para a Ciência. A Formação da comunidade científica no Brasil*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. Centro de Estudos Estratégicos, 2001.

Senado Federal. “Decreto-lei nº 1.210, de 12 de abril de 1939.” *Legislação*. Accessed April 9, 2025. <https://legis.senado.leg.br/norma/525040/publicacao/15611617>.

Silva, Matheus Henrique Pereira da. “Paisagens, Histórias e Ecologias mais que Humanas do Gado ao Longo dos Campos na Amazônia Marajoara.” *Ilha Revista de Antropologia* 5, no. 3 (2023): 23-42. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2023.e94144>.

Silva Júnior, Aluisio Fernandes da. “Reflexões sobre as primeiras organizações patronais rurais no estado do Pará.” *Revista IDeAS* 3, no. 1 (January/June 2009): 94-114.

Szabó, Matias P. J., Adriano Pinter and Marcelo B. Labruna. “Ecology, biology and distribution of spotted-fever tick vectors in Brazil.” *Frontiers in Cellular and Infection Microbiology* 3, (2013): 1-9. <https://doi.org/10.3389/fcimb.2013.00027>.

Teixeira, Ferreira. “Póde-se esperar a erradicação do quebra-bunda e do mormo?.” *Estado do Pará* (Belém), June 6, 1915. A vida agrícola e rural. Hemeroteca Digital Brasileira.

Teixeira, Ferreira. “A erradicação do quebra-bunda (peste de cadeiras) pela cura.” *Estado do Pará* (Belém), June 27, 1915. A vida agrícola e rural. Hemeroteca Digital Brasileira.

Vergara, Germán. “Bestiario latinoamericano: los animales en la historiografía de América Latina.” *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 28, suppl. (December 2021):187-208. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021000500010>.

Vianna, Tavares. "O Problema do Norte: a borracha e a industria agropecuária." *Estado do Pará* (Belém), April 4, 1913. Hemeroteca Digital Brasileira.

Vieira, David Durval Jesus. "Infelizes' cavalos: mal de cadeiras e relações biossociais no Pará (1870-1889)." *Revista Brasileira de História da Ciência* 16, no. 1 (2023): 73-95. <https://doi.org/10.53727/rbhc.v16i1.871>.

_____. "Matam-na, como podem': política de extermínio das capivaras." In *Animais na História*, edited by Wesley Oliveira Kettle, 111-128 (Maceió-AL: Kattelya, 2024). <https://lveh.webnode.page/repositorio-digital/>.

Weinstein, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

Capybaras on the Run: Surra and Biopower in Pará (1907-1943)

ABSTRACT

In this article, we aim to assess the extent to which Adolpho Lutz's prophylactic plan to exterminate capybaras in order to combat *surra*, a disease caused by *Trypanosoma evansi* that mainly affected horses in rural areas of Pará, had an impact on the *Hydrochoerus hydrochaeris* population in this state, especially in Marajó, from 1907 to 1943. We also looked at interspecies tensions and human mobilizations around the campaign to exterminate this rodent. We understand the relationship between humans and capybaras as an interactive process in which both act as agents as they are immersed in a vast network of ties that lead them to act. Humans, however, were willing to eliminate biological dangers in order to strengthen their own species, by blaming the capybara for the spread of the disease. By analyzing periodicals such as newspapers and commercial magazines, we concluded that Lutz's recommendation was not the only justification used for the predatory hunting of this animal and the consequent decrease in its population.

Keywords: capybaras; humans; biopower; epidemic villain; Pará.

Recibido: 04/07/2024
Aprovado: 03/04/2025